



Aula 07 – Coerência

Redação – IME 2021

Professora Celina Gil

Sumário

Sumário

<i>Apresentação</i>	3
<i>1 – Análise social</i>	4
<i>2 – Coerência</i>	7
2.1 – <i>Coerência</i>	7
2.2 – <i>Exercícios de coerência</i>	8
2.4 - <i>Gabarito</i>	16
2.5 – <i>Exercícios comentados</i>	16
<i>3 – Prática de redação</i>	26
<i>Proposta I</i>	26
<i>Proposta II</i>	31
<i>Proposta III</i>	34
<i>Proposta IV</i>	37
<i>Considerações finais</i>	40



Apresentação

Olá!

Essa é uma das aulas mais importantes para a escrita de sua redação. Começaremos aqui nosso estudo sobre o **coerência**.

Nossas aulas de redação serão sempre compostas de 3 partes:

1 - Análise social

Apontamentos acerca de assuntos ligados ao contemporâneo.

Esses apontamentos têm o objetivo de fortalecer seu repertório e auxiliar na elaboração de argumentos.

2 - Estudo de uma parte da dissertação

Estudo aprofundado de uma das partes que compõe o texto dissertativo.

Vamos passar por introdução, desenvolvimento, conclusão e coesão/coerência.

3- Produção textual

Análise de redações/trechos de redações e/ou exemplo de produção textual.

Propostas de redação inéditas para serem executadas pelo aluno.

Vamos lá?



1 – Análise social

Para nossa última análise social do curso, vamos nos dedicar a pensar sobre um aspecto muito importante os brasileiros: **a ideia de Brasil e qual a nossa imagem para o exterior.**

Muitas redações vão ser bastante específicas em pedir que você fale sobre realidades brasileiras. Claro que é muito difícil para qualquer um – até para os estudiosos do tema – falar com toda a segurança o que faz um país ser como ele é. Muitos dados de sua história influem na constituição de um país: sua colonização, sua natureza, seus recursos, sua trajetória política etc.

Não faça o erro de usar expressões taxativas demais em sua redação. Falas como “o problema do Brasil é” ou “o brasileiro é muito (...)” são muito perigosas, pois são generalizantes e não propõe nada: **se o brasileiro for, por exemplo, naturalmente corrupto, então não há solução possível para nenhum problema abordado em seu texto, o que enfraquece todos os seus argumentos.** Há três autores fundamentais e que podem ser usados sempre que quiser falar sobre problemas fundamentais à sociedade brasileira. Vamos ver um pouco mais sobre cada um deles:



Gilberto Freyre

Na obra **Casa grande & senzala**, Gilberto Freyre aborda a formação do povo brasileiro a partir de sua origem de **miscigenação** entre brancos, pretos e indígenas. Os defeitos, qualidades e alguns mitos em torno na ideia de Brasil viriam das características desses povos e, principalmente, dos processos de colonização e papéis sociais estabelecidos então. Ele também disserta sobre a opressão contra a mulher e a influência da religião na composição do país.

É importante para pensar como nosso passado colonial impacta na sociedade até hoje.



Sergio Buarque de Hollanda

No livro **Raízes do Brasil**, o autor cunha o conceito de **homem cordial** como o traço definidor do caráter brasileiro. O homem cordial é aquele que ao mesmo tempo em que estabelece intimidade rapidamente, rejeita as convenções e os formalismos. Isso faz com que tendamos a estabelecer relações de proximidade em qualquer tipo de cenário social, fazendo com que os limites entre público e privado fiquem menos claros.

É importante para pensar relações de ética e civilidade, tanto nas micro quanto macroestruturas.



Roberto DaMatta

DaMatta cunha a expressão **jeitinho brasileiro**. Em sua definição, o jeitinho é um modo particular do brasileiro de ser capaz de improvisar soluções para situações problemáticas. Pode ser visto de maneira positiva (como um sinônimo de criatividade) ou negativa (denotando a ideia de malandragem, corrupção ou desonestidade). O autor aponta, porém, que muitas vezes, diante de uma realidade opressora, o jeitinho é a única chance de sobrevivência para muitos brasileiros.

É importante para pensar como nos relacionamos com as instituições e as regras.

Veja possíveis temas de redação que se beneficiariam dessas ideias:

Nepotismo

A prática de favorecer parentes e amigos no ambiente de trabalho. Como a ideia do homem cordial pode explicar essa mistura entre o público e o privado?

Racismo

Mesmo sendo um país miscigenado, o Brasil segue perpetuando o racismo em diversas instâncias. Como nossa formação cultural e história colonial se relacionam com essa prática?

Desigualdade social

As desigualdades sociais no Brasil não foram ainda superadas. Como nossa história justifica essas desigualdades e como nosso comportamento ajuda a perpetrá-las?

Imigração

O Brasil recebe muitos imigrantes até hoje. Como a ideia de homem cordial e o mito da não existência do racismo no Brasil fortalecem esses fluxos migratórios?

Corrupção

Como a corrupção aparece nas diversas instâncias? Há pesos diferentes, ou seja, pequenas e grandes corrupções? Como as ideias de cordialidade e jeitinho se relacionam com isso?

Um outro assunto importante a se pensar é sobre a expectativa que o estrangeiro deposita sobre o brasileiro. Há uma ideia no mundo – e se você já conversou com um estrangeiro você vai saber do que estou falando – de que o brasileiro é um povo sempre muito feliz, receptivo e alegre. Longe de mim querer dizer que não (até por que eu amo carnaval), mas será que é possível realmente ser feliz o tempo todo?

Alguns dos produtos de exportação culturais do Brasil mais importantes são as praias, o Carnaval, a música, a natureza e as comidas. Esses serão quase sempre as primeiras referências que um estrangeiro apontará sobre o Brasil. Isso, porém, gera alguns problemas: ligados a esse turismo, estão também práticas como o turismo sexual, a invasão de territórios para roubo de nossa fauna e flora e uma reprodução de estereótipos sobre um povo muito diverso. Assim, é importante pensarmos **como mostrar a diversidade cultural do Brasil para o mundo?**



#APRENDASEDIVERTINDO



FILMES

Bacurau (2019) Dir.: Kleber Mendonça Filho



Em um futuro próximo brasileiro, Teresa volta para sua pequena cidade natal para o funeral de sua avó. Estranhos acontecimentos, no entanto, começam a mobilizar os moradores da região contra um inimigo desconhecido.

O auto da compadecida (2000) Dir.: Guel Arraes



João Grilo e Chicó são dois homens pobres, porém espertos, vivendo no sertão nordestino. Na obra, acompanhamos sua luta por sobrevivência, fazendo uso de truques e artimanhas contra os moradores do vilarejo – e até contra um cangaceiro.

Tropa de elite 2: O inimigo agora é outro (2010) Dir.: José Padilha



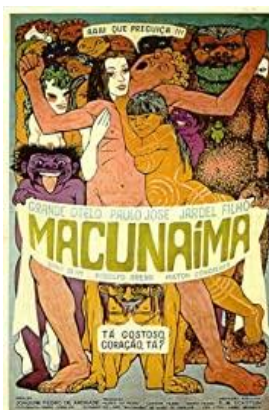
Muita gente viu o Tropa de elite, mas pouca gente viu o segundo filme. E é aqui que a história se completa. Capitão Nascimento, acusado de um crime, é afastado do comando, mas por ser um homem popular, é alçado a um cargo na Secretaria de Segurança.

Que horas ela volta? (2015) Dir.: Anna Muylaert



Val trabalha há 13 anos como empregada doméstica e babá. Sua filha, Jéssica, foi criada por parentes em outro estado. Ela vai morar com a mãe, mas as complexas relações entre patrões e empregados começam a ser tensionadas.

Macunaíma (1969) Dir.: Joaquim Pedro de Andrade



Baseado na obra de Mario de Andrade, o filme conta a história de Macunaíma, também conhecido como o herói sem nenhum caráter. Ele passa por diversas situações fantásticas em sua vida – como a mudança de etnia após entrar em um rio.

Central do Brasil (1998) Dir.: Walter Salles



Dora é uma ex-professora que escreve cartas na estação central do Rio de Janeiro para pessoas analfabetas. Ela acaba ajudando Josué, um menino de 9 anos que acaba de perder sua mãe, e eles partem em uma viagem para encontrar o pai do menino.

2 – Coerência

Vamos relembrar o que já vimos sobre esse assunto na nossa primeira aula de redação.

2.1 – Coerência

A **coerência** está no nível da semântica e das ideias, ou seja, dos significados do texto para que ele mantenha uma relação lógica e compreensível. Ela pode aparecer na **estilística, gênero textual, pragmática, semântica, sintaxe** ou **tema**.

- Coerência estilística – estilo em que o texto é escrito. Na sua prova, você deve redigir seu texto segundo a norma culta. Veja o que diz o edital sobre o assunto:
- Coerência de gênero textual - na maioria das provas, o gênero exigido é o dissertativo-argumentativo. Independente disso, leia o enunciado com cuidado! Aqui o gênero pedido é o **dissertativo-argumentativo**.
- Coerência pragmática – diz sobre o contexto. Pode se aplicar tanto na escolha do que explicar (informações compartilhadas por todos não precisam ser explicadas), quanto a construção de um contexto (por exemplo, quando escrevemos uma pergunta na redação, pois se torna esperado que haverá uma resposta).
- Coerência semântica – se refere ao significado das palavras. Ela evita as seguintes situações:

Problema	Exemplo
Contradições	Eu não bebo café. Vou me servir de uma xícara de café. (Se não bebo café, porque me serviria?)
Mau uso das palavras	A televisão transmite diversão. (Errado: transmitir tem a ver com a programação da televisão, não a sensação).
Palavras homófonas (mesmo som, mas significado diferente)	Conserto (Quando algo é consertado ou arrumado) e Concerto (Espetáculo musical)

- Coerência sintática – dispor os elementos na ordem correta, selecionar o léxico de maneira que se encaixe à proposta, regência e concordância corretas.
- Coerência temática – não fugir ao tema proposto no enunciado. A fuga ao tema é um dos principais problemas nas redações.



2.2 – Exercícios de coerência

1. (ITA SP 2004)

Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico NÃO decorre da ordem dos termos.

- a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 19/10/2000)
- b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (Folha de S. Paulo, 26/01/2003)
- c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)
- d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
- e) Detido acusado de furtos de processos (Folha de S. Paulo, 8/7/2000)

2. (ITA SP - 2003)

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

(Jornal Comunicação, n.1, março 2002, p.3)

Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

- a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

3. (IME - 2016)

TEXTO 1

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "micro-cápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados



organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como (1) nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso (2) informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa (3) perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que (4) três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou (5) apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os

anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252009000100006&script=sci_arttext
>. Acesso em 22/04/2015.

TEXTO 2 PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos
Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Marque a opção em que a respectiva substituição dos termos destacados não prejudicaria o sentido encontrado no contexto dado.

- I. Silvania (...) enxerga nesse processo um **resquício** da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. (texto 1, 2º parágrafo)
- II. “ (...) é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o **paradigma** de que o público é passivo” (texto 1, 3º parágrafo)
- III. Silvania concorda e diz que (...) a verdade **suprema** é estanque. (...) (texto 1, 3º parágrafo)
- IV. Monstro de escuridão e **rutilância**, (texto , verso 2)



- a) excesso – modelo – relevante – fluorescência;
- b) resto – arquétipo – absoluta – trevas;
- c) vestígio – modelo – importante – trevas;
- d) vestígio – modelo – absoluta – fluorescência
- e) excesso – arquétipo – máxima – fluorescência.

4. (IME – 2010 adaptada)

Observe este trecho do texto **Retirantes da educação** e responda a questão:

Irinilda da Silva, de 31 anos, deixou de amamentar a filha, de quatro meses, que ficou em casa com o pai. Robéria Gomes, de 36, viajou grávida e seu bebê, João Vítor, nasceu na quinta-feira passada, no Hospital Central do Exército, em Benfica. As duas são retirantes da educação: integram um grupo de 12 professores do Acre que **cruzou** 4.521 quilômetros de Brasil, **superando** uma série de dificuldades, para **fazer** uma pós-graduação. Um exemplo das barreiras de qualificação profissional no país. Hoje, 53% dos cursos de mestrado e doutorado estão no Sudeste; só 3,8% na Região Norte, a de menor cobertura.

MARCH, Rodrigo. **Retirantes da educação**. Caderno Boa Chance: O GLOBO, 10 de maio de 2009.

No primeiro parágrafo do texto, as formas verbais “cruzou”, “superando” e “fazer” referem-se

- a) ao baixo nível da educação no Brasil.
- b) ao vocábulo “grupo”.
- c) ao vocábulo “barreiras de qualificação”.
- d) às retirantes Irinilda e Robéria e ao bebê João Vítor.
- e) à concretização do convênio firmado entre a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói.

5. (FUVEST – 2016)

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d’África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto* é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu’eu vou e torno a vortá...



E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, Capitães da Areia.

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas

Das propostas de substituição para os trechos sublinhados nas seguintes frases do texto, a única que faz, de maneira adequada, a correção de um erro gramatical presente no discurso do narrador é:

- a) "Assim mesmo morrerá negro, morrerá pobre.": havia morrido negro, havia morrido pobre.
- b) "Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara.": Omolu dizia, no entanto, que não fora.
- c) "Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina.": mas tão pouco sabiam da vacina.
- d) "Mas para que seus filhos negros não o esqueçam [...]": não lhe esqueçam.
- e) "E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas [...]": numa noite em que os atabaques.

6. (FUVEST - 2010)

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas com as do "Homo sapiens": o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao "Homo erectus".

Revista FAPESP, nº 157, março de 2009. Adaptado.

No trecho "semelhante à de macacos", fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:

- a) A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.
- b) Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevê aberta à moda brasileira.
- c) Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.
- d) A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.
- e) Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.

7. (FUVEST - 2008)



Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.

Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

Adaptado de J. Jota de Moraes, **O que é música.**

Considere as seguintes afirmações:

- I. Ouvir música com o corpo é senti-la em estado bruto.
- II. Ao ouvir-se música emotivamente, sai-se do estado bruto.

Essas afirmações articulam-se de maneira clara e coerente no período:

- a) Com o corpo, ouve-se música sentindo-a em estado bruto, ocorrendo o mesmo se ouvi-la emotivamente.
- b) Sai do estado bruto quem ouve música com o corpo, no caso de quem a sente de modo emotivo.
- c) Para sentir a música emotivamente, quem sai do estado bruto é quem a ouve com o corpo.
- d) Sai para o estado emotivo de ouvir música aquele que a ouvia no estado bruto do corpo.
- e) Quem ouve música de modo emotivo deixa de senti-la no estado bruto, próprio de quem a ouve com o corpo.

8. (FGV - 2017)

Na frase “Apesar de aparentar ser uma ideologia justa, a meritocracia, por causa principalmente de disparidades socioeconômicas, revela-se imparcial, uma vez que só detêm méritos aqueles que são beneficiados com oportunidades para alcançá-los”, pode-se apontar incoerência devido ao emprego inadequado da palavra

- a) “ideologia”.
- b) “disparidades”.
- c) “imparcial”.
- d) “beneficiados”.
- e) “oportunidades”.

9. (IBMEC - 2017)

Pizza por drone

Não ria, mas a entrega de pizzas nas noites de sexta e sábado é um problema para as grandes cidades. Em nome do conforto das famílias, os motoboys das pizzarias tomam as ruas com a preciosa carga, infernizam o trânsito, comprometem o ambiente com seus canos de



descarga e neurotizam os motoristas fazendo bibibi. Sei bem que, diante do prazer que as pizzas proporcionam, seus consumidores fazem vista grossa a isso e ao despropósito de se comprometer um veículo de 200 kg para transportar um pacote de 2 kg.

Mas a tecnologia se preocupa. Agora, graças à Amazon e ao Google, são os satélites que trazem uma solução nova: a entrega por drone. Pede-se a pizza pelo celular; ela é acomodada num drone equipado com GPS e, em poucos minutos, chega, fofa e quentinha, à porta do prédio ou casa do cliente. Pode-se recolhê-la já de guardanapo ao pescoço. Não congestiona as ruas, não polui, não faz barulho e deixa um perfume de orégano no ar.

Mas há alguns inconvenientes. As autoridades não gostam que os drones voem à noite. A fiação aérea nas cidades não é favorável a objetos que voam baixo. E há ainda o risco de colisão com corujas e morcegos.

Mas, pelo menos, 59 anos depois do Sputnik, ficamos sabendo para que se inventou o satélite. Para acabar em pizza.

(Ruy Castro, Pizza por drone. Folha de S.Paulo, 31.08.2016. Adaptado)

Na organização textual, a frase que inicia o segundo parágrafo – Mas a tecnologia se preocupa – deve ser entendida como uma informação que

- a) se opõe às precedentes, marcadas pelo imediatismo do interesse próprio das pessoas.
- b) se coaduna com as precedentes, apresentando a justificativa para o despropósito.
- c) se distancia das precedentes, pois deixa de considerar as vantagens da tecnologia.
- d) se confunde com as precedentes, que também enfatizam a importância da tecnologia.
- e) se contrapõe às precedentes, as quais negam a necessidade de novas tecnologias.

10. (FGV - 2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva.

Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de

Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.



Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. A Legião Estrangeira, 1964. Adaptado)

Considerando-se o contexto em que está empregado o período “O restaurante, **ao que se disse no jornal**, levantou-se como uma só pessoa.” (7.o parágrafo), a oração em destaque pode ser substituída, sem prejuízo de sentido ao enunciado, por:

- a) quando disseram algo no jornal.
- b) conforme o que se disse no jornal.
- c) caso se tenha dito algo no jornal.
- d) embora dissessem algo no jornal.
- e) à medida que se disse algo no jornal.



2.4 - Gabarito

1. C
2. E
3. D
4. B
5. E
6. E
7. E
8. C
9. A
10. B

2.5 – Exercícios comentados

1. (ITA SP 2004)

Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico NÃO decorre da ordem dos termos.

- a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 19/10/2000)
- b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (Folha de S. Paulo, 26/01/2003)
- c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)
- d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
- e) Detido acusado de furtos de processos (Folha de S. Paulo, 8/7/2000)

Comentários: Na alternativa C, a ambiguidade está na supressão de um termo que complete o sentido de “crianças de colo”, pois nessa construção o atendimento preferencial poderia ser para “pessoas com crianças de colo” ou apenas para as próprias “crianças de colo”.

Na alternativa A, a ambiguidade está na posição do termo “de homens”, que pode se referir tanto a “escadas” quanto a “hábitos”.

Na alternativa B, a ambiguidade está na posição de “de alto padrão”, que pode se referir a “casas” ou “moradores”.

Na alternativa D, a ambiguidade está na posição de “com refeição”, que pode se referir a “vaga” ou “rapaz”.

Na alternativa E, a ambiguidade está na posição de “de processos”, que pode se referir a “acusado” ou “furtos”.

Gabarito: C

2. (ITA SP - 2003)

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.



(Jornal Comunicação, n.1, março 2002, p.3)

Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

- a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

Comentários: E é a alternativa correta, pois identifica a resposta do coordenador do curso para a preocupação da possível falta de mercado de trabalho para os formandos. Há uma relação de concessão inerente: ainda que haja muita mão de obra, há locais ainda inexplorados.

A alternativa A está incorreta, porque tem valor proporcional, ou seja, na medida que acontece X, Y ocorre também.

A alternativa B está incorreta, porque tem valor de consequência, como se o potencial de absorção tivesse sido criado por conta da grande quantidade de alunos formando.

A alternativa C está incorreta, pelo mesmo motivo da B, o valor de consequência.

A alternativa D está incorreta, porque tem valor de conclusão, ou seja, há muitos formandos, daí conclui-se que há mercado inexplorado.

Gabarito: E

TEXTO 1

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "micro-cápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas



Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como (1) nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso (2) informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa (3) perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que (4) três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou (5) apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus

pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

TEXTO 2 PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

3. (IME - 2016)

Marque a opção em que a respectiva substituição dos termos destacados não prejudicaria o sentido encontrado no contexto dado.

- I. Sylvania (...) enxerga nesse processo um **resquício** da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. (texto 1, 2º parágrafo)
 - II. “ (...) é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o **paradigma** de que o público é passivo” (texto 1, 3º parágrafo)
 - III. Sylvania concorda e diz que (...) a verdade **suprema** é estanque. (...) (texto 1, 3º parágrafo)
 - IV. Monstro de escuridão e **rutilância**, (texto , verso 2)
- a) excesso – modelo – relevante – fluorescência;
 - b) resto – arquétipo – absoluta – trevas;
 - c) vestígio – modelo – importante – trevas;
 - d) vestígio – modelo – absoluta – fluorescência
 - e) excesso – arquétipo – máxima – fluorescência.

Comentário: Esta é uma questão muito característica no vestibulares do ITA e IME. Depende do vocabulário do aluno para conseguir responder.



No Item I, “resquício” significa restos ou vestígios.

No Item II, “paradigma” significa modelo ou ideia pré-concebida.

No Item III, “suprema” significa absoluta ou total (neste contexto).

No Item IV, “rutilância” significa luz ou brilho ou fluorescência.



DICA!

Esta questão poderia ser resolvida por eliminação. As alternativas A e colocam “resquício” como sinônimo de excesso, sendo que é justamente o contrário. Das alternativas restantes, apenas a D apresenta correto sinônimo de “rutilância”.

Gabarito: D

4. (IME – 2010 adaptada)

Observe este trecho do texto **Retirantes da educação** e responda a questão:

Irinilda da Silva, de 31 anos, deixou de amamentar a filha, de quatro meses, que ficou em casa com o pai. Robéria Gomes, de 36, viajou grávida e seu bebê, João Vítor, nasceu na quinta-feira passada, no Hospital Central do Exército, em Benfica. As duas são retirantes da educação: integram um grupo de 12 professores do Acre que **cruzou** 4.521 quilômetros de Brasil, **superando** uma série de dificuldades, para **fazer** uma pós-graduação. Um exemplo das barreiras de qualificação profissional no país. Hoje, 53% dos cursos de mestrado e doutorado estão no Sudeste; só 3,8% na Região Norte, a de menor cobertura.

MARCH, Rodrigo. **Retirantes da educação**. Caderno Boa Chance: O GLOBO, 10 de maio de 2009.

No primeiro parágrafo do texto, as formas verbais “cruzou”, “superando” e “fazer” referem-se

- a) ao baixo nível da educação no Brasil.
- b) ao vocábulo “grupo”.
- c) ao vocábulo “barreiras de qualificação”.
- d) às retirantes Irinilda e Robéria e ao bebê João Vítor.
- e) à concretização do convênio firmado entre a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói.

Comentários: A alternativa B está correta, pois pessoa verbal que realiza as ações descritas nos termos grifados é “grupo de 12 professores”, sendo que “grupo” é o núcleo desse sujeito. É possível confirmar essa informação pela concordância de “cruzou”, que indica que o termo referido era necessariamente singular.

A alternativa A está incorreta, pois não há o aparecimento desse termo no período e, portanto, não pode ser a que se refere.

A alternativa C está incorreta, pois “barreiras de qualificação” é plural.

A alternativa D está incorreta pelo mesmo motivo da C: se refere a mais e uma pessoa, descritas textualmente, portanto é plural.

A alternativa E está incorreta pois não há o aparecimento desses termos no período, assim como a alternativa A.

Gabarito: B



5. (FUVEST – 2016)

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrerá negro, morrerá pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto* é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu'eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, Capitães da Areia.

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas

Das propostas de substituição para os trechos sublinhados nas seguintes frases do texto, a única que faz, de maneira adequada, a correção de um erro gramatical presente no discurso do narrador é:

- a) "Assim mesmo morrerá negro, morrerá pobre.": havia morrido negro, havia morrido pobre.
- b) "Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara.": Omolu dizia, no entanto, que não fora.
- c) "Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina.": mas tão pouco sabiam da vacina.
- d) "Mas para que seus filhos negros não o esqueçam [...]": não lhe esqueçam.
- e) "E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas [...]": numa noite em que os atabaques.

Comentários: A alternativa E é a correta, pois adiciona o “em”, necessário na construção da oração após o “numa noite”.

Esta questão exigia muitos conhecimentos de gramática combinados. Se a gramática for um problema para você na construção de um texto, considere uma revisão do nosso curso Gramática para o ITA.

A correção da alternativa A é incorreta, pois não foi feita nenhuma mudança. Apenas trocou-se o “morrera” mais que perfeito simples pelo “havia morrido” mais que perfeito composto.

A correção da alternativa B é incorreta pelo mesmo motivo da alternativa A: a substituição foi por sinônimos, não houve correção.



A correção da alternativa C é incorreta, pois “tampouco” dá ideia de adição, diferentemente de “tão pouco” que significa grande quantidade.

A correção da alternativa D é incorreta, pois o pronome oblíquo o verbo “esquecer” é transitivo direto não admite o pronome “lhe” (valor de objeto direto)

Gabarito: E

6. (FUVEST - 2010)

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas com as do “Homo sapiens”: o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao “Homo erectus”.

Revista FAPESP, nº 157, março de 2009. Adaptado.

No trecho “semelhante à de macacos”, fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:

- A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.
- Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevê aberta à moda brasileira.
- Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.
- A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.
- Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.

Comentários: O recurso utilizado é a anáfora (recuperação de termo que apareceu anteriormente), neste caso, “anatomia”. Isto também ocorre na alternativa E, em que o pronome “a” (presente na formação o a craseado) retoma “concentração de poluentes.

A alternativa A não demonstra um caso de anáfora, já que o termo grifado é um predicativo do sujeito.

A alternativa B não demonstra um caso de anáfora, pois não há aparecimento de nenhum termo anterior que possa substituir o termo grifado.

A alternativa C não demonstra um caso de anáfora, pelo mesmo motivo da B: não há termo equivalente retomar.

A alternativa D não demonstra um caso de anáfora, pois “da tolerância à corrupção” é complemento de cultura e não retoma termo anterior.

Gabarito: E

7. (FUVEST - 2008)



Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.

Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

Adaptado de J. Jota de Moraes, **O que é música.**

Considere as seguintes afirmações:

- I. Ouvir música com o corpo é senti-la em estado bruto.
- II. Ao ouvir-se música emotivamente, sai-se do estado bruto.

Essas afirmações articulam-se de maneira clara e coerente no período:

- a) Com o corpo, ouve-se música sentindo-a em estado bruto, ocorrendo o mesmo se ouvi-la emotivamente.
- b) Sai do estado bruto quem ouve música com o corpo, no caso de quem a sente de modo emotivo.
- c) Para sentir a música emotivamente, quem sai do estado bruto é quem a ouve com o corpo.
- d) Sai para o estado emotivo de ouvir música aquele que a ouvia no estado bruto do corpo.
- e) Quem ouve música de modo emotivo deixa de senti-la no estado bruto, próprio de quem a ouve com o corpo.

Comentários: A alternativa E é a correta, pois mantém a relação de oposição entre os dois estados: o bruto e o emotivo, relacionando o corpo (bruto) e o sentimento (emotivo).

A alternativa A está incorreta, pois não ocorre o mesmo, mas sim o contrário: sai-se do estado bruto.

A alternativa B está incorreta, pois não há coesão entre as duas orações: uma não dialoga com o sentido da outra.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de finalidade entre as duas afirmações, mas sim oposição, contraste.

A alternativa D está incorreta, pois o “estado bruto” não é do corpo como afirma a oração, mas sim do “sentir”.

Gabarito: E

8. (FGV - 2017)

Na frase “Apesar de aparentar ser uma ideologia justa, a meritocracia, por causa principalmente de disparidades socioeconômicas, revela-se imparcial, uma vez que só detêm méritos aqueles que são beneficiados com oportunidades para alcançá-los”, pode-se apontar incoerência devido ao emprego inadequado da palavra

- a) “ideologia”.



- b) “disparidades”.
- c) “imparcial”.
- d) “beneficiados”.
- e) “oportunidades”.

Comentários: Se o texto afirma que a meritocracia só “aparenta” ser justa e que apenas uma parcela da população consegue usufruir verdadeiramente dela, ela não pode ser considerada “imparcial”.

É uma questão de coerência, não de gramática. É preciso entender o texto e procurar por alguma palavra que não faça sentido ali, seja pelo significado ou pela sonoridade. Neste exercício, nenhum dos outros itens apresenta incoerências quanto ao significado.

Gabarito: C

9. (IBMEC - 2017)

Pizza por drone

Não ria, mas a entrega de pizzas nas noites de sexta e sábado é um problema para as grandes cidades. Em nome do conforto das famílias, os motoboys das pizzarias tomam as ruas com a preciosa carga, infernizam o trânsito, comprometem o ambiente com seus canos de descarga e neurotizam os motoristas fazendo bibibi. Sei bem que, diante do prazer que as pizzas proporcionam, seus consumidores fazem vista grossa a isso e ao despropósito de se comprometer um veículo de 200 kg para transportar um pacote de 2 kg.

Mas a tecnologia se preocupa. Agora, graças à Amazon e ao Google, são os satélites que trazem uma solução nova: a entrega por drone. Pede-se a pizza pelo celular; ela é acomodada num drone equipado com GPS e, em poucos minutos, chega, fofa e quentinha, à porta do prédio ou casa do cliente. Pode-se recolhê-la já de guardanapo ao pescoço. Não congestiona as ruas, não polui, não faz barulho e deixa um perfume de orégano no ar.

Mas há alguns inconvenientes. As autoridades não gostam que os drones voem à noite. A fiação aérea nas cidades não é favorável a objetos que voam baixo. E há ainda o risco de colisão com corujas e morcegos.

Mas, pelo menos, 59 anos depois do Sputnik, ficamos sabendo para que se inventou o satélite. Para acabar em pizza.

(Ruy Castro, Pizza por drone. Folha de S.Paulo, 31.08.2016. Adaptado)

Na organização textual, a frase que inicia o segundo parágrafo – Mas a tecnologia se preocupa – deve ser entendida como uma informação que

- a) se opõe às precedentes, marcadas pelo imediatismo do interesse próprio das pessoas.
- b) se coaduna com as precedentes, apresentando a justificativa para o despropósito.
- c) se distancia das precedentes, pois deixa de considerar as vantagens da tecnologia.
- d) se confunde com as precedentes, que também enfatizam a importância da tecnologia.
- e) se contrapõe às precedentes, as quais negam a necessidade de novas tecnologias.

Comentários: O “mas” é um conectivo que indica oposição. Neste caso, há uma oposição entre a vontade de receber a pizza rapidamente e, nesse ínterim, não se preocupar com os efeitos causados no trânsito. Por isso, a alternativa correta é a A.

A B está incorreta, pois a relação estabelecida é de oposição, não de concordância com o exposto.

A C está incorreta, pois considera as vantagens: a tecnologia se preocupa com o que as pessoas não se preocupam.



A D está incorreta, pois no parágrafo anterior não há menção à importância da tecnologia anteriormente, mas sim a descrição das entregas feitas pelos motoboys.

A E está incorreta, pois – ainda que não mencione especificamente a tecnologia – fica implícito que há necessidade de mudança no modo caótico e entregas.

Gabarito: A

10. (FGV - 2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com aidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva.

Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de

Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. A Legião Estrangeira, 1964. Adaptado)

Considerando-se o contexto em que está empregado o período “O restaurante, **ao que se disse no jornal**, levantou-se como uma só pessoa.” (7.o parágrafo), a oração em destaque pode ser substituída, sem prejuízo de sentido ao enunciado, por:

- a) quando disseram algo no jornal.
- b) conforme o que se disse no jornal.
- c) caso se tenha dito algo no jornal.
- d) embora dissessem algo no jornal.
- e) à medida que se disse algo no jornal.

Comentários: A oração destacada deixa claro onde estava a informação apresentada. O narrador não estava no local: ficou sabendo pelo fato pelo jornal. Portanto, “ao que se disse” pode ser substituído por “segundo” ou qualquer outra expressão que denote conformidade. É o caso da alternativa B, conforme.



A alternativa A está incorreta, pois a relação não é temporal, como expressaria o “quando”.

A alternativa C está incorreta, pois não há dúvidas ou concessões quanto ao que foi dito, como expressaria o “caso”.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de oposição, mas sim de conformidade.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo da A: não há relação temporal ou sequencial como denotaria “à medida que”.

Gabarito: B

3 – Prática de redação

**Proposta I.
(IME – 2012)**

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é shúnnya”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, shúnnya significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, shúnnya refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do



século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo shúnnya – que, em árabe, se tornou shifr e foi latinizado para zephirum, depois zéfiro, zefro e, por fim, zero.

Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

“Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero”, diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. “Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato”, afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava “aquilo que ficou para trás”, como os pingos de chuva depois de uma tempestade. Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial, desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipo de cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo ($1 - 1 = 0$). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não

deixa de ser zero ($0 \times 4 = 0$). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas ($0 \div 3 = 0$), que não muda seu jeito. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorratamente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2012.
(ADAPTADO)

Produção de texto dissertativo-argumentativo

Leia atentamente o fragmento extraído do texto I:

Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

Considerando o trecho acima, reflita sobre **a divulgação do conhecimento como meio de transformação social. A partir de sua reflexão, elabore um texto dissertativo-argumentativo em que você discorra sobre as transformações sociais ocorridas a partir do investimento em educação.** Utilize informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

Instruções:

1. Não copie trechos dos textos nem do fragmento de texto apresentado.
2. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta escrita da língua portuguesa.
3. Redija um texto de 25 (mínimo) a 35 linhas (máximo).
4. Atribua um título a seu texto.



Comentário:

Proposta I.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **divulgação do conhecimento como meio de transformação social**, focando especialmente **nas transformações sociais a partir do investimento em educação**.

O **Texto 1** fala sobre como a criação do número zero é capaz de alterar paradigmas de pensamento. A invenção do zero faz com que sejamos capazes de representar algo que é de grande abstração: o nada. Enquanto seres humanos, temos dificuldade em compreender a ideia de “nada”, “vazio”. O texto aponta que relacionamos o “nada” com negatividade: a ausência de vida, de Deus, de mística. Além disso, a invenção do zero nos ajuda a compreender como representar simbólica e materialmente algo que não existe.

Especificamente, a proposta se voltava para a questão da divulgação do conhecimento e das transformações sociais que a educação pode produzir. No texto, fica claro que a invenção do número zero é uma mudança de paradigma de pensamento, além de um facilitador no conhecimento e no ensino. O próprio cálculo, além da notação dos números, se torna mais facilitada a partir da invenção do número 0. A longo prazo, é a invenção da representação do nada e permite, por exemplo, o sistema binário na base da computação.

Toando como base alguns elementos do texto, poderíamos pensar em argumentações que discutissem os seguintes pontos:

- A importância do investimento em pesquisa científica.

Possíveis argumentos: a falta de investimento governamental em pesquisa, principalmente nas universidades públicas, é um risco para o desenvolvimento da educação do país; é através de pesquisas que se descobrem desde modos de melhoria da sociedade até a cura de doenças; a preocupação com a pesquisa científica não pode estar apenas atrelada ao interesse empresarial, pois por vezes algumas descobertas contrariam interesses de mercado – a cura de uma doença, por exemplo, contraria interesses da indústria farmacêutica que lucra com a venda de remédios.

- Os efeitos da divulgação científica na constituição do pensamento da sociedade.

Possíveis argumentos: o pensamento e a pesquisa científica padecem de um problema: seu descrédito por boa parte da população; muitas vezes, há uma confusão do que seria verdadeiramente ciência, pois somos pouco ensinados a compreender o pensamento científico; muitas vezes, preferimos acreditar em misticismo ou superstição ao invés de acreditar na pesquisa científica; há uma impressão geral de que se pode combater a pesquisa com sua vivência pessoal – ou opinião; é muito importante que haja divulgação científica para que as pessoas sejam capazes de identificar informações falsas de verdadeiras e, assim, enfrentarem melhor a realidade.

Proposta II.

Texto 1

As Universidades Precisam Formar Sábios

A reitora de Harvard diz que instituições devem resolver questões práticas, mas não podem ignorar a marca do próprio DNA: produzir conhecimento

Veja.com, 25.03.2011

Em artigo recente para o jornal The New York Times, a senhora afirma que as universidades vivem uma crise de propósitos. Poderia explicar essa ideia? Um debate frequente de nossos dias é acerca de como as universidades podem contribuir com as necessidades mais imediatas da sociedade. Algumas delas são necessidades econômicas, e os estudantes vão às universidades de forma a serem treinados e qualificados para futuros empregos. Outras são descobertas e inovações e outros tipos de intervenções que podem ter um efeito imediato no mundo, como a cura de uma doença. Mas as universidades têm outros propósitos, que são de longo prazo e que são mais difíceis de mensurar, mas que são extremamente importantes para todos nós. No encontro que tive com os reitores brasileiros, ouvi uma frase que resume esse pensamento: a sociedade nos pede soluções para problemas práticos. Mas a universidade não deve se preocupar apenas com o bem estar imediato dos seres humanos, precisa fazer também com que eles sejam sábios. As universidades têm esse propósito humano, histórico, antropológico, que nos faz transcender o momento presente. Não nos preocupamos apenas se nossos alunos terão emprego amanhã. Precisamos garantir que eles tenham conhecimento.

(Disponível em <https://veja.abril.com.br/educacao/as-universidades-precisam-formar-sabios/>, acessado em 28.05.2019)

Texto 2

O profissional do século XXI

10 de dezembro de 2007

E como dever ser o profissional do século XXI? Bem, ele deve possuir muitas características, entre elas, empreendedorismo, resiliência, proatividade, liderança energizadora, percepção, comunicação, persuasão, assertividade, criatividade, cultura, humanismo. Todas elas têm sido muito requisitadas pelas empresas, mas devemos lembrar que não se trata de buscar profissionais supra-humanos, visto que isso é impossível e têm levado muitos a um nível elevado de estresse. Trata-se, apenas, de reconhecer seus potenciais e limitações, e a partir daí, de forma equilibrada e estruturada, buscar o autodesenvolvimento.

Também não podemos esquecer da relevância da tecnologia na vida de um profissional globalizado. Independentemente da área do conhecimento, ela fornece a base conceitual necessária a uma evolução do pensamento e da análise. Ainda, a utilização de ferramentas tecnológicas é um fator de diferenciação no mercado de trabalho. Compreender claramente o ambiente altamente tecnológico em que vivemos e suas correlações é fundamental para qualquer profissional, mas nada exacerbado que nos torne consumidores compulsivos dessas tecnologias. Por outro lado, os profissionais não podem ficar desatualizados com tal evolução e devem saber usá-la a seu favor para gerar resultados efetivos.

(Acessado em <https://administradores.com.br/noticias/o-profissional-do-seculo-xxi>, disponível em 28.05.2019)



Texto 3

A Universidade é um espaço de doutrinação ideológica?

A grande dificuldade de quem desmerece o valor dos conhecimentos das ciências humanas é não entender que elas não geram resultados palpáveis (a produção de uma cadeira, a construção de uma ponte) e sim em níveis abstratos. Raciocínio, lógica, reflexão, crítica, o significado de ética, a situação do ser humano em relação às outras coisas, as diferenças culturais, as regras simbólicas que regem as relações humanas, os motivos pelos quais levam as pessoas a fazerem o que fazem.

(...)

As ciências humanas não comportam verdades absolutas, diferente de outras disciplinas. Basta lembrar das fórmulas matemáticas, as leis que regem as reações químicas e físicas, as características biológicas de cada ser...

(...)

A crítica mais ácida aos cursos de ciências humanas é a de que teriam se tornado verdadeiros redutos de esquerdistas. Ela em parte é verdade, pois muitos diretórios e centros acadêmicos praticamente se tornaram diretórios de partidos políticos —principalmente PT, PCdoB e PSOL. Além disso, muitos mestres e doutores realmente têm mais afinidades com ideologias e lideranças mais à esquerda. No entanto, imaginar que seja possível “doutrinar” estudantes “ingênuos e indefesos” é um grande exagero.

(Disponível <http://www.jornaldaorla.com.br/noticias/38306-a-forca-do-pensamento/>, acessado em 28.05.2019)

Considerando o trecho acima, reflita sobre **qual o papel das ciências humanas e da reflexão social na educação do século XXI? Elabore um texto dissertativo-argumentativo em que você discorra sobre qual o papel desses conhecimentos na construção de uma sociedade.**

Instruções:

1. Não copie trechos dos textos nem do fragmento de texto apresentado.
2. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta escrita da língua portuguesa.
3. Redija um texto de 25 (mínimo) a 35 linhas (máximo).
4. Atribua um título a seu texto.



Comentário:

Proposta II.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas ao **papel das ciências humanas e da reflexão social na educação do século XXI, discorrendo sobre qual o papel desses conhecimentos na construção de uma sociedade.**

O **Texto 1** é uma entrevista com a reitora de Harvard e destaca que, realmente, há um desafio para a universidade: produzir conhecimento que deve ser aplicado de forma imediata. Porém, há propósitos mais vagos e a longo prazo que não podem ser desprezados, pois a Universidade deveria “fazer também com que eles (os homens) sejam sábios”. Essa entrevista, no contexto da proposta, já faz uma divisão que praticamente se aplica a diferença entre ciências humanas e ciências exatas. As primeiras seriam responsáveis pela “sabedoria”, as últimas, pelo caráter mais técnico e “utilitário”.

O **Texto 2** fala sobre o perfil do profissional do século XXI que, ao que tudo indica, deve desenvolver cada vez mais habilidades na área tecno-científica. O texto faz referência também à formação humana (“cultura, humanismo”), mas essas características parecem ser um traço menor diante da “relevância da tecnologia”. No entanto, muitas vezes, mesmo alunos da área tecnológica reclamam do abismo entre Universidade e mundo prático

O **Texto 3** discorre sobre as críticas diretas aos cursos de Humanidades das universidades. Inicialmente, o texto expressa qual é a dificuldade em valorizar esse campo do saber: ele não gera resultados palpáveis e não comporta “verdades absolutas”. Após esse diagnóstico, o autor enfrenta a crítica de que tal área seria reduto da esquerda. Ele reconhece que há algo de verdadeiro nessa premissa, mas conclui que “imaginar que seja possível ‘doutrinar’ estudantes ‘ingênuos e indefesos’ é um grande exagero.”

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A educação deve ser abrangente, abordando tanto as humanidades quanto a técnica.

Possíveis argumentos: Há uma impressão comum de que apenas o conhecimento materialmente aplicável deveria ser ensinado. Isso dialoga, porém, com a ideia de mercantilização da educação. A educação, quando tratada como mero produto vendável ou serviço comprável, deixa de cumprir seu papel.

- O papel das humanidades numa sociedade tecnicista é de promover a discussão sobre o presente, não deixando que nos acomodemos com o que não nos faz bem.

Possíveis argumentos: as humanidades procuram “transcender o presente” e dar conta da complexidade do mundo jamais perderia sua função, por mais que fosse incompreendida; no mundo tecnicista em que vivemos, há a tendência de que as Humanidades percam o espaço; já que estão longe do sistema produtivo, muitas vezes sendo críticas a ele.

- Há um estereótipo a ser desmontando sobre o que seriam as ciências humanas.

Possíveis argumentos: as humanidades têm muito pouco a oferecer em relação aos desafios próprios de um mundo globalizado; ao mesmo tempo, elas perdem valor justamente no momento em que mais se necessitada desses conhecimentos para que o homem não abdique de sua humanidade; humanidades têm valor, mas o criticismo desenvolvido nas Universidades ao longo do tempo, tornou-as alvos do setor conservador que a vê reduto de esquerda.

Proposta III. (IME – 2010)

Texto I O ANO DA FÚRIA

Os primeiros meses de 2010 serão lembrados pela sucessão de catástrofes ambientais. Terremotos mataram milhares de pessoas em Haiti, Chile e China. Um vulcão na Islândia gerou uma nuvem de cinza causadora de prejuízo histórico para a aviação. Tempestades e ondas de frio e calor castigaram várias partes do planeta, inclusive o Brasil. A fúria da natureza, segundo cientistas, continuará este ano, especialmente devido à temporada de furacões no Caribe e na América Central, regiões pouco preparadas para enfrentar eventos extremos. Grandes seguradoras já apontam 2010 como o ano de maior prejuízo e desastres ambientais. Os especialistas alertam que os países precisam aprender a se preparar para evitar perdas humanas e econômicas cada vez maiores num mundo superpovoado e à mercê de mudanças climáticas. Os fenômenos naturais que marcaram a primeira metade de 2010 são o tema deste caderno especial que O Globo publica hoje, Dia do Meio Ambiente.

Um começo extremo

As seguradoras amargaram prejuízo histórico e a América Latina foi uma das regiões que mais sofreu. Porém, especialistas dizem que o Brasil está entre os países que podem sair fortalecidos da crise ambiental.

O ano sequer chegou à metade, mas os eventos extremos registrados por todo o planeta, provocando milhares de mortes, já fizeram de 2010 um período marcado pela fúria da natureza. Tempestades de força incomum, alagamentos, temperaturas muito acima ou abaixo da média, terremotos em áreas densamente povoadas e atividade vulcânica causaram prejuízos em dezenas de países. O clima produz más notícias em velocidade inédita. Uma combinação de fatores explica por que 2010 tem sido penoso. Entre eles, as mudanças climáticas – que provocam episódios extremos com mais frequência – e a infeliz coincidência de os eventos geológicos, como terremotos e vulcões, ocorrerem em áreas densamente povoadas. Áreas pobres e sem infraestrutura estão sujeitas a perdas maiores.

Do ponto de vista geológico, não existe anormalidade registrada na atividade do planeta – garante o vulcanólogo Thor Thordarson, da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Mas o acaso fez com que erupções e sismos acontecessem nos primeiros meses do ano, e, além disso em locais muito habitados. É uma coincidência, mas nos faz pensar que algo está errado.

(...)

Segundo a seguradora Willis, as empresas do setor atuantes no continente perderam US\$ 16 bilhões nos últimos três meses. Entre os motivos estão os terremotos do Haiti e Chile e as chuvas que castigaram o Brasil. A empresa também prevê que a nova temporada de furacões no Caribe, iniciada esta semana, será “mais intensa que o normal”.

Os gastos com eventos extremos darão um salto nos próximos meses. Segundo a seguradora Swiss, os desastres naturais provocarão uma despesa de US\$ 22 bilhões.



Já estamos conferindo os eventos significativos de 2010. Nossa previsão é de que este ano será de grandes prejuízos – admite Thomas Hess, economista-chefe da Swiss. Alertamos a indústria que deve se preparar para sofrer perdas.

Se é difícil pensar em cifras tão altas, basta lembrar os reflexos que as mudanças climáticas provocam no orçamento de cada um. Secas e furacões fizeram com que produtores diminuíssem, em todo o planeta, a área de cultivo de arroz. O movimento atingiu até o Rio Grande do Sul. Preparados para a estiagem, os Pampas foram surpreendidos, no início do ano, com o alto índice de chuvas. Resultado: safras ainda menores e preços mais altos no supermercado.

A mesa do brasileiro ficou mais cara – alerta Emília Queiroga Barros, diretora da Campanha Global de Liderança Climática Brasil 2020. As mudanças climáticas têm um efeito imediato em nosso modelo de civilização. E o que é mais importante: elas não respeitam fronteiras geopolíticas. São um problema de todos.

Clima traz nova ordem mundial

A escalada dos eventos extremos ainda não produziu um verdadeiro acordo global, obrigando países desenvolvidos e emergentes a cortarem na carne – leia-se: em suas emissões de carbono. A China, maior poluidora do mundo, investe 3% do seu PIB em energia verde (os EUA destinam apenas 0,7% do PIB ao mesmo fim). Na Alemanha, a população é incentivada, com reembolsos governamentais, a comprar painéis de energia solar. O projeto alçou o país à liderança no uso desta fonte de energia.

O Brasil, que já reduziu o desmatamento da Amazônia, pode assumir um papel ainda maior. Dono de uma economia baseada em matriz energética limpa (as hidrelétricas), o país é considerado candidato à liderança de uma nova ordem mundial, onde a economia pode ser mais harmoniosa com o meio ambiente.

Somos um dos países com maior potencial de liderança em desenvolvimento sustentável – ressalta Emília. Temos a maior extensão de terra cultivada do mundo, a maior quantidade de recursos hídricos e a maior extensão da Amazônia. Novas formas de comércio estão surgindo, com nações sem potencial agrícola comprando terras fora de seus domínios. As relações de cooperação mudaram. Podemos estar à frente desta nova era.

GRANDELLE, Renato. O ANO DA FÚRIA. O Globo, Rio de Janeiro, 05 jun. 2010. Caderno Especial, p.1-2. (texto adaptado)

Instruções:

1. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta escrita da língua portuguesa.
2. Redija um texto de 25 (mínimo) a 35 linhas (máximo).
3. Atribua um título a seu texto.
4. Seu texto definitivo deverá ser escrito a tinta azul ou preta. Não serão considerados, para fins de correção, textos escritos a lápis.
5. Não copie trechos dos textos nem dos fragmentos apresentados.

Tema

Leia atentamente o fragmento extraído do texto I desta prova:



“- Somos um dos países com maior potencial de liderança em desenvolvimento sustentável – ressalta Emília. (...) Podemos estar à frente desta nova era.”

Considerando o trecho acima e a definição abaixo, reflita sobre o potencial brasileiro de liderança em desenvolvimento sustentável. A partir de sua reflexão, elabore um texto dissertativo-argumentativo em que você discorra **sobre a possibilidade de o Brasil vir a ser uma liderança em desenvolvimento sustentável e suas consequências**. Utilize informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

Desenvolvimento sustentável é "o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades".

TAYRA, Flávio. O conceito do desenvolvimento sustentável. Disponível em: < <http://www.semasa.sp.gov.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2010.

Comentário:

Proposta III.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas **à possibilidade de o Brasil vir a ser uma liderança em desenvolvimento sustentável e suas consequências**.

O **Texto I** fala sobre desastres ambientais. Essa é também uma discussão importante para o Brasil atualmente, principalmente após eventos como os crimes ambientais de Mariana e Brumadinho, fruto dos estouros de barragens da Vale do Rio Doce. Ele discute, em alguma medida, a responsabilidade do homem sobre os impactos à natureza e até que ponto estamos colocando o lucro acima da preservação ambiental. O texto, porém, também aponta para os desastres que são aparentemente “naturais”, como terremotos, secas e furacões. O que se questiona, no entanto, é qual a responsabilidade do homem nas mudanças climáticas que podem, de alguma maneira, influenciarem nessas alterações da natureza.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O Brasil tem diversos recursos naturais a serem explorados e pode fazer isso com responsabilidade

Possíveis argumentos: em um país com tantos recursos quanto os nossos, é preciso equilibrar a exploração da natureza com o respeito ao meio ambiente; devemos ter consciência dos recursos não renováveis para que não esgotemos a natureza; o Brasil pode explorar a natureza para turismo ecológico ao invés dos extrativismos, gerando lucro com respeito ao meio ambiente.

- O crescimento sustentável pode ser um modo de garantir mais mercado, pois a preocupação com o meio ambiente é um fator importante hoje em dia.

Possíveis argumentos: hoje em dia, é muito bem visto que empresas desenvolvam seu negócio ao mesmo tempo que respeitam a natureza; muitos mercados estrangeiros, por exemplo, pararam de consumir de países que usam muitos agrotóxicos – questão fundamental em atualidades no Brasil atualmente.

Proposta IV.

Texto 1

Novo relatório da ONU reforça ameaças do aquecimento global

O novo trabalho do órgão da ONU Painel Intergovernamental para a Mudança Climática (IPCC, na sigla em inglês) diz que os efeitos do aquecimento estão sendo sentidos em todo lugar, contribuindo para possíveis crises de escassez alimentar, desastres naturais e guerras.

(...)

Os cientistas projetam que o aquecimento poderá reduzir o PIB global em 0,2 a 2 por cento ao ano, caso as temperaturas medianas subam até 2 graus Celsius — uma estimativa que muitos países consideram modesta demais.

“Ao longo da próxima década, a mudança climática terá impactos majoritariamente negativos”, disse Michel Jarraud, secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM), citando cidades, ecossistemas e o abastecimento hídrico como áreas de risco.

“Os pobres e vulneráveis serão mais afetados”, acrescentou. Entre os principais riscos estão a inundação permanente de pequenas ilhas e áreas costeiras.

(Disponível em <https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPA2U01420140331>, acessado em 18.03.2019)

Texto 2

Impostura verde

Já houve até evento fashion em que hedonistas voluntariam trocados para plantar árvores

Hoje em dia ninguém mais cita o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) em jornal -a não ser, talvez, para criticá-lo. Mesmo quem o conhece mal, porém, não deixará de reconhecer como é certa sua caracterização do marketing como "a raça impudente de nossos senhores". Em especial se topar com um anúncio da nova coleção de roupas Diesel.

Pessoas sensatas, em tempos normais, pensariam duas vezes antes de adquirir confecções de uma empresa que publica no Brasil anúncios inteiramente em inglês. Só que nosso tempo há muito deixou de ser normal. E o Brasil, todos sabem, nunca foi sério. Precisava carimbar a campanha com um "Global Warming Ready", porém? Para quem não sabe, a frase quer dizer "pronto(a) para o aquecimento global". Noutro lugar, anuncia-se que são roupas para permanecer "cool" (bacana, ou, literalmente, fresco) enquanto o mundo se aquece.

As imagens utilizadas são ainda mais loquazes. Numa delas, um rapaz de camisa aberta lambuza com filtro solar a garota em vias de trepar num coqueiro. Seria só a razão cotidiana de nonsense da publicidade de moda, não fosse pelo carimbo mencionado e por mostrar no fundo, à esquerda, o mar batendo no topo do que parece ser o monte Rushmore, nos EUA.

A face esculpida em pedra, com água pelo nariz, talvez seja a de Abraham Lincoln. Não aparecem na imagem as outras três do famoso monumento em Dakota do Sul: George Washington, Thomas Jefferson e Theodore Roosevelt. O quarteto de presidentes só se mostra por inteiro noutro quadro, em que um modelo sarado lê um livro com geleiras na capa, deitado na areia da mesma praia. A mesma alusão à elevação do nível dos mares como resultado do aquecimento global surge num plágio deslavado do filme "O Dia Depois de Amanhã". Em tela, arranha-céus de Nova York (Chicago?) com água na cintura.

Nesse álbum disparatado ainda há espaço para araras no lugar dos pombos da praça São Marcos em Veneza, vegetação equatorial ao lado da torre Eiffel e gente de biquíni ao lado de pinguins. Na Antártida, supõe-se. A publicidade não tem nem precisa ter compromisso com a realidade, sequer com a verossimilhança. Seu liquidificador de signos já nasceu pós-moderno. O que salta aos olhos são os sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência.

O aquecimento global virou moda, modismo. Já houve até evento fashion "carbon-neutral", em que hedonistas compungidos voluntariam uns caraminguás para plantar árvores, não se sabe nem se quer saber onde. Peles de animais, contudo, voltaram a ser chiques. O mundinho é verde, ma non troppo. Ao final, todos montam em seus jipões 4x4 movidos a (muito) diesel e rodam superiores sobre o asfalto esburacado das metrópoles brasileiras. Os mais radicais se filiam a alguma ONG -com nome em inglês, claro.

Dá vontade de incorporar um "nerd" rápido. Lembrar que Dakota do Sul fica no meio dos Estados Unidos, onde o mar nunca vai chegar (não na escala de tempo que interessa à espécie humana). O monte Rushmore, aliás, está 1.745 metros acima do nível do mar, que deve subir só meio metro nos próximos cem anos, segundo a última previsão do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática). Quem é que quer saber de informação, no entanto? O negócio agora é ser "ambiental". Qualquer dia desses nasce a grife Biodiesel.

(Leite, Marcelo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 de março de 2007).

Considerando o trecho acima e a definição abaixo, reflita sobre **a importância e limites do ativismo ambiental**. A partir de sua reflexão, elabore um **texto dissertativo-argumentativo** em que você discorra sobre **como alertar a população da importância de discutir pautas ambientais, sem neutralizar essas pautas, esvaziando seu sentido**.



Comentário:

Proposta IV.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **importância e limites do ativismo ambiental, discorrendo sobre como alertar a população da importância de discutir pautas ambientais, sem neutralizar essas pautas, esvaziando seu sentido.**

O **Texto 1** apresenta dados acerca das mudanças climáticas do planeta. Este texto seria muito útil para fazer a comprovação de seus argumentos a partir de fatos concretos. Ali há números sobre a temperatura, vozes autorizadas e especializadas no assunto e comentários mais técnicos.

O **Texto 2** aponta para a ideia de que a preocupação com o meio ambiente seria uma verdadeira impostura. Para provar isso, ele elege a campanha da Diesel, criticando-a duramente. Para o autor, a empresa se vale de “sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência”. Conclui que a questão ambiental se tornou uma questão de moda e não exatamente uma preocupação séria. O discurso de defesa ambiental parece ter conquistado mentes e corações e quase todo mundo o repete como um mantra. Na prática, essa postura é ostentada como forma de reconhecimento social, mas apenas isso. Defender o meio ambiente se tornou “legal”. A adesão ao ativismo ambiental é cínica, fala-se muito, faz-se pouco.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

➤ A falta de vontade do indivíduo em contribuir para a preservação do meio ambiente
Possíveis argumentos: em que medida as pessoas de fato se preocupam com o meio ambiente?; a preocupação para na medida em que precisamos mudar nossos hábitos; a geração de lixo excessiva e o consumo impulsivo estão ligados a questões de conforto, ou seja, é mais fácil realizar ações cotidianas sem considerar o impacto ambiental; com isso, muitas pessoas deixam de atuar sobre a preservação para não mudar seu estilo de vida; a longo prazo, o que pode representar para o meio ambiente essa não mudança de comportamento?

➤ Os problemas estruturais na preservação do meio ambiente considerando-se as questões sociais

Possíveis argumentos: pensar como no sistema capitalista, permeado por relações de consumo e classe social, a preservação do meio ambiente se torna possível; na sociedade do consumo, a compra de mercadorias não pode se basear numa reflexão sobre o próprio ato de comprar, ou seja, a questão ambiental só pode ser lembrada de forma superficial, sem que gere qualquer tipo de culpa; nesse contexto, o ativismo encontra seu limite na própria dinâmica da vida moderna.

Considerações finais

Estamos quase chegando ao fim do nosso curso de redação!

Não deixe de produzir as redações e enviá-las para correção. É **muito** importante que você não acumule redações para a última hora, pois não teremos tempo para corrigir. Você terá duas semanas para produzir seus textos.

Na próxima aula, veremos algumas propostas de temas contemporâneos para que você possa praticar!

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	12/05/2019	Primeira versão do texto.

